

Há vida em outras galáxias?

Os britânicos estão mais confiantes do que nunca na possibilidade da existência de planetas com características semelhantes às da Terra. Segundo o pesquisador Barrie Jones e colegas da Open University do Reino Unido, metade dos sistemas planetários conhecidos pode abrigar mundos habitáveis. Eles defenderam essa tese recentemente em um estudo publicado no *Astrophysical Journal*, nos Estados Unidos.

A conclusão surgiu com base nos conhecimentos relacionados à formação dos planetas e às condições para a existência de vida. Uma delas, por exemplo, seria a distância da estrela central do sistema: não deve nem ser tão curta, pois aumentaria demais a temperatura do planeta, nem tão longa, o que tornaria o ambiente gelado. A Terra, por exemplo, fica a 150 milhões de quilômetros do Sol.

As limitações tecnológicas dos telescópios existentes tornam extremamente difícil a observação direta dos planetas fora do nosso sistema solar. Para suprir essas limitações, muitos astrônomos realizam essas observações de forma indireta. Eles procuram pelas estrelas que parecem oscilar sob o campo gravitacional, o que indica a existência de planetas em suas proximidades.

Porém, a técnica tende a revelar apenas sistemas aparentemente bizarros, nos quais planetas que possuem a massa ainda maior do que a de Júpiter realizam suas órbitas bem perto da estrela central – uma distância até menor que a de Mercúrio e o Sol. Muitas linhas de pesquisas atuais asseguram que esses enormes planetas provavelmente se formaram fora de seus sistemas solares e migraram posteriormente para lá. Se isso ocorreu de fato, há a possibilidade de terem destruído tudo ao seu caminho, incluindo os possíveis planetas parecidos com a Terra. Mas os pesquisadores da Open University acreditam que a formação de muitos destes planetas semelhantes à Terra ocorreu após a passagem desses gigantes o que aumenta a possibilidade de realmente existirem.

A equipe calcula que metade dos sistemas planetários conhecidos, semelhantes ao nosso, oferece um abrigo seguro e um período de existência longo o suficiente para que a vida tenha se desenvolvido.

A situação é complicada pelo fato de que a zona habitável varia conforme a idade das estrelas, o que, em alguns casos, altera a probabilidade de existência de vida. Além disso, algumas vezes essas áreas seguras podem ter ocorrido apenas em um período no passado, enquanto em outros casos elas só existirão no futuro.

Esses cenários de extinções pretéritas e origens futuras de planetas aumentam em aproximadamente dois terços a proporção de sistemas planetários que são potencialmente habitáveis em algum tempo de sua existência.